

# Carteira assinada pela fantasia

*As histórias de pessoas que têm a imaginação como instrumento de trabalho, as marcas da profissão no inconsciente dos profissionais e a realidade legal*

ALINE SOARES E ANA PATRICIA PAIVA

**C**riar, encantar, convencer, iludir. Trabalhar com a fantasia, tanto figurino, quanto desempenho artístico, e fazer dela ganha-pão é um desafio encarado por muitos. Por mais que seja inusitado ter a magia e a ilusão como instrumento de trabalho, tais práticas são mais longínquas do que se pode imaginar. O registro mais antigo de uma apresentação de magia, por exemplo, está em um papiro egípcio escrito por volta de 2000 a.C, que conta sobre um mágico chamado Dedi, e relata seu desempenho diante da corte do faraó Quéops.

Com o tempo, vieram os *covers*, atores performáticos que se dedicam a imitar com o maior grau de identidade possível personagens como Michael Jackson, Elvis ou Madonna. Alguns recorrem a meios cirúrgicos para que a semelhança seja mais próxima. O que seria da Disney sem as pessoas que trabalham personificando seres mágicos como príncipes e princesas? Impossível pensar em fantasia como fonte de renda e não ligá-la àquilo que o Rio tem de fantástico: o Carnaval.

Carnavalescos, coreógrafos, estilistas, designers, todos com o objetivo de dar vida à imaginação. Nesta carreira que requer talento, acima de tudo, grande parte do sucesso ou fracasso é questão de sorte. Para esses profissionais, que precisam ser criativos o tempo todo, é necessária mais imaginação ainda nos momentos não tão lucrativos.

SONHO A DOIS FILMES

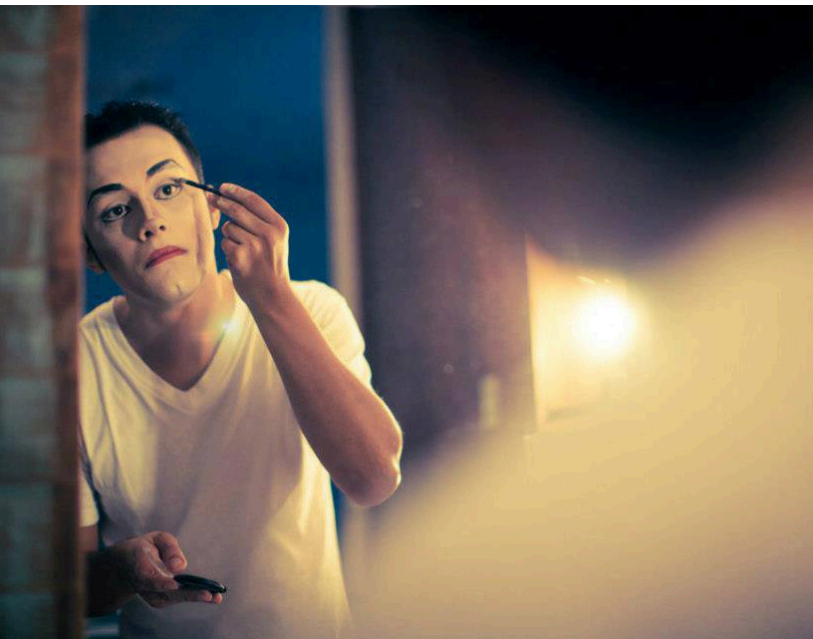


O mágico Fíni fazendo a alegria da criançada em uma festa infantil

## A magia de tirar o sustento da cartola

Há 13 anos, a magia era parte fundamental da vida de Fulano de tal. Fulano começou a encantar o público nas ruas do centro do Rio. “Largo da Carioca, Lapa. Comecei a fazer algumas coisas ali, sem remuneração, como um *hobby*”. Na época, o futuro mágico trabalhava como *office-boy* em uma empresa. Com o tempo, ele percebeu que era possível ganhar dinheiro com a magia. Fulano ascendeu nos cargos da empresa, de *office-boy* à assistente contábil, ingressou na faculdade, mas nunca parou com a magia: “Final de semana com a magia e dia de semana na empresa”.

Fulano ainda relata como ingressou de fato na carreira de mágico: “Eu trabalhava em uma feira e um homem me assistia como um espectador normal. Na hora de ir embora, peguei minhas coisas e saí do tumulto. Quando olhei para trás, o tal homem me seguia de bicicleta. Ele chegou perto de mim e disse “mágico, perdeu, me dá, é um assalto, vamos senão eu vou te matar”. Abaixei



*Quando era cover do Michael Jackson, Rodrigo levava horas para se caracterizar como o personagem*

a mala e peguei o celular para entregar ao assaltante. Neste instante, ele colocou as mãos no guidão da bicicleta. Na minha mão direita só tinha o tripé que eu usava nos shows, e foi com ele mesmo que eu bati no cara. Caiu ele, arma, bicicleta. Depois disso eu não voltei mais para a rua e comecei a fazer shows. Este foi o pontapé inicial, um assalto malsucedido. Que bom!”.

Por um tempo, Fulano continuou trabalhando e fazendo shows. No começo era bem devagar, não havia muita divulgação, nem muitos meios de comunicação. O Orkut, por exemplo, ainda estava surgindo. Quando começou a fazer de 20 a 25 shows por mês, o mágico pediu demissão da empresa em que trabalhava. “Hoje eu sou o Mágico Fini e vivo da mágica, faço em média 40 a 45 shows por mês”, declarou.

Todo mundo é capaz de fazer mágica, de iludir, mas se tornar, de fato, mágico requer muito estudo. Não só na habilidade manual, como também no que se fala, no olhar, nos gestos, todo detalhe conta e muito. Segundo Fulano, a maior dificuldade da profissão é trabalhar com um público desconhecido. “Eu não sei o que eles vão falar, qual vai ser a reação. Mais difícil é manter um show tendo que apresentar para diversas classes sociais. É preciso mudar o jeito de falar, em um local mais carente é preciso falar de uma forma mais simples. O falar é muito importante na mágica. Se não fa-

lar o que pretende, a mágica não sai”.

Mesmo assim, a profissão do mágico no Brasil ainda não é bem vista. Não há a possibilidade de ter emprego com carteira assinada, a não ser que seja contratado por alguma empresa. Não há sindicato, nem direitos trabalhistas. “O próprio mágico tem que se conscientizar de que é preciso pagar autonomia. Eu faço parte do Microempreendedor Individual (MEI) há cinco anos. A aposentadoria do mágico tem que ser pelo que ele fez durante a vida”.

Fulano declarou que o mágico precisa aproveitar a época boa e investir os ganhos da profissão pensando no futuro. “Não só o mágico, mas qualquer artista. O sucesso vem, se a pessoa não administrar, ele vai e você fica fora do mercado”.

## O moonwalk da carreira de Rodrigo Soares

Desde os 12 anos, Rodrigo Soares se apresenta como cover do rei do pop Michael Jackson. Ele começou com performances na escola, em festivais, concursos culturais e chegou aos palcos da Rede Record, nomeado cover oficial do Michael em rede nacional. “Mas chegou o momento em que eu não vi mais expectativas nesse trabalho”, contou o cover. Imitar o rei por tanto tempo fez com que as pessoas relacionassem a figura de Rodrigo ao cantor, sem perceberem que existia alguém ali com vida e personalidade próprias. Hoje, Rodrigo constrói a própria carreira como DJ e afirma “não quero mais ficar na sombra de um artista”.

Rodrigo declarou que o trabalho de cover tem tempo limitado, ele é, na verdade, uma espécie de escada para outro trabalho. Nos anos 1990, Alessandro Ramos ocupava o lugar de cover oficial do Michael Jackson, mas entendeu que não viveria disto para sempre. “Ele era impecável como cover do Michael, hoje é ator de teatro e comerciais de TV. Seguiu o destino dele como Alessandro, tanto que hoje ninguém mais o vê como Michael”, contou Rodrigo.

No Brasil, o trabalho como cover é pouco valorizado. Poucos são os casos de atores performáticos que conseguiram um bom empresário e fizeram grandes espetáculos. Rodrigo não foi um deles. Segundo ele, o trabalho já se resumia a pequenas festas e o prazer de imitar o Michael havia se esgotado. “Chegou um momento na minha vida que eu estava fazendo eventos apenas pelo dinheiro. Não amava mais fa-



zer aquele personagem, levantar cedo para ensaiar o dia inteiro, produzir figurino”.

A falta de reconhecimento ao trabalho de imitador se refletia nas condições em que Rodrigo se apresentava. “Às vezes nós chegávamos a um evento, nem camarim tinha. O contratante nos jogava em um banheiro sujo, molhado. É o tratamento que eles dão”. As desmotivações fizeram com que a qualidade do trabalho de Rodrigo começasse a decair. “Eu acabei perdendo o ritmo, engordei um pouco, para fazer o Michael é preciso ter um corpo de mais ou menos 70 quilos. É como um jogador de futebol. Quando ele chega aos 35, 36 anos, já começa a não ser mais a mesma coisa”. O DJ afirmou que o cachê não era ruim, mesmo em pequenas apresentações. Mesmo assim, ele não aguentou mais e decidiu construir a carreira dele como DJ, não mais como Michael.

## E como num passe de mágica...

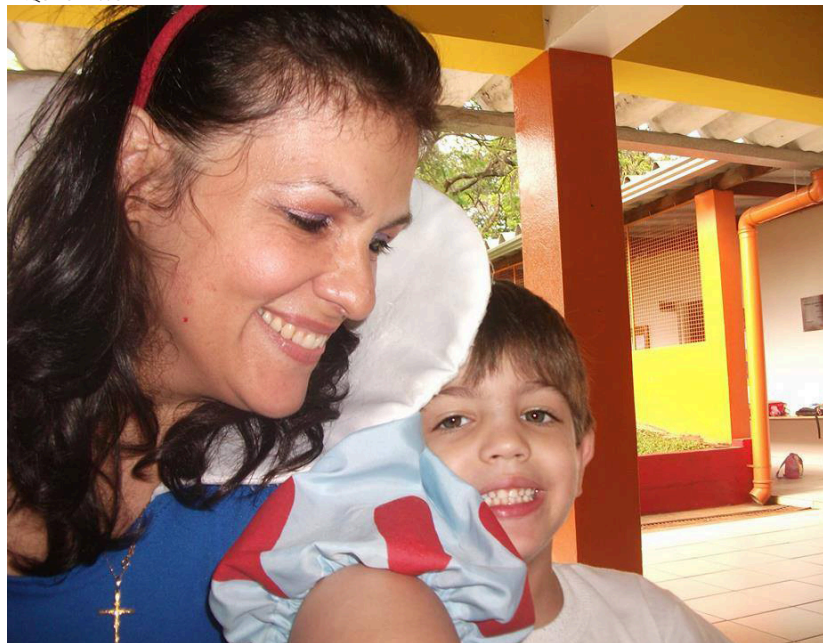
De funcionária pública a princesa. Essa foi a transformação da vida de Denise May Pachel, de 48 anos, moradora da cidade de Americana, interior de São Paulo. A paulista passava por uma fase difícil de sua vida, após seu marido falecer. Até que em agosto de 2012, ao andar na rua com seu filho foi abordada por um locutor de uma loja. “Ele ofereceu pirulito ao meu filho e me perguntou se eu queria trabalhar me vestindo de Branca de Neve na Festa do Morango que acontece aqui na cidade”.

Denise não aceitou o convite na hora, mas pegou o contato do rapaz, e no dia seguinte ligou para aceitar o trabalho. No escritório do locutor, conhecido como Matraka, combinou os horários, os dias que ela iria trabalhar e o cachê. Levou a fantasia para casa e quando provou o vestido não teve dúvidas.

“Na hora me deu um estalo. Como se eu estivesse me sentindo a Branca de Neve mesmo, como se tivesse incorporado em mim aquele personagem. Cheguei em casa e me senti iluminada! Sim, como se um anjo tivesse atravessado o meu caminho para amenizar a dor que eu sentia durante meses em razão da viuvez”, lembra Denise emocionada.

Danise trabalhou durante 10 dias como Branca de Neve nesse evento da Festa dos Morangos, em Americana. Ela conta que umas das coisas mais difíceis foi ter que ficar longe do seu filho, que na época tinha três anos. Ele passou a dormir na casa da avó paterna.

ARQUIVO PESSOAL



*Denise May Pachel em festa como princesa*

Ao chegar no evento e botar a fantasia, Denise descreve com detalhes a sensação que teve: “A sensação foi incrível! Eu me sentia mesmo a Branca de Neve. Foi indescritível! As crianças me olhavam maravilhadas, principalmente as meninas. Ficavam paralisadas e quando eu me abaixava e abria os braços para abraçá-las, elas vinham correndo em minha direção. Era como se elas achassem que eu não era real. E eu me sentia um pouco assim também. Deixei aflorar em mim toda a magia que se tem quando se é criança. Foi a primeira vez na vida que vesti uma fantasia. Eu nunca tive uma infância mágica, de princesas e etc. Vivi uma dualidade. Naquele momento eu era a princesa para as crianças, mas também para a criança que mora dentro do meu coração”.

Durante esse período que Denise trabalhou como princesa ela trocou telefones e conheceu muita gente, e o Matraka a indicava para outros trabalhos. Mas os dois também passaram a trabalhar juntos, já que ele também se fantasiava, só que de palhaço. Hoje, ela trabalha sozinha, mas também em parceria com o Matraka, em lojas ou em festas. Eles oferecem pacotes de animação e outros serviços, como pintura facial, mágicas, brincadeiras com as crianças e adultos, cama elástica, pipoca, etc.

Foi em 2014 que Branca, como gosta de ser chamada, percebeu que aquela atividade divertida e lúdica poderia ser a profissão que pagaria suas



*Ala dos Ursinhos, Unidos da Tijuca, desfile de 2008*

contas. E de funcionária pública municipal, passou a se dedicar exclusivamente a ser princesa. Assim, como num passe de mágica.

“Quando vi que os olhos das meninas brilhavam por minha causa e quando percebi que os pais ficavam felizes em ver a reação de seus filhos, eu tive a certeza de que estava no caminho certo. Eu poderia transformar aquele acaso num trabalho muito gratificante e bonito. Eu acho que não importa o que você faz na sua vida. Se você fizer com prazer e se sentir realizada vendo as pessoas felizes com o seu trabalho isso é o mais importante, e você consegue fazer qualquer coisa como profissão para trazer um retorno financeiro, ou retorno pessoal”, declara.

A princesa encanta todas as idades e isso mexe com o imaginário das pessoas. Denise conta que embora as crianças tenham consciência de que princesa não existe, e que ela é uma mulher com uma fantasia de princesa, ela sente um clima diferente, um clima irreal. “A gente precisa sair da realidade e interagir com o mundo imaginário”, completa.

Mas como nem tudo é fantasia, ela diz que a desvantagem do seu trabalho é ele ser informal e

por conta disso pode haver transtornos em relação ao pagamento, ou a horários de permanência dela nas festas. Para evitar dor de cabeça, ela deixa tudo combinado por escrito. “Somente assim tenho o direito de exigir aquilo que combinamos. Hoje em dia, infelizmente, não podemos confiar na palavra das pessoas. Mas trabalho é trabalho”, conta. Outro problema recorrente na profissão de Denise é quando as pessoas desmarcam as festas. Ela diz que isso é muito comum, e, no dia em que a festa é desmarcada, ela não ganha nada. O lado bom, segundo ela, é o fato de não ter vínculo empregatício, ou seja, ela faz o seu horário, e é independente. “Isso é bom demais”, comemora.

## **A fantasia ganha vida no Carnaval**

Nos desfiles de escolas de samba, vemos as alas, as pessoas dançando juntas, algumas dramatizando, e não pensamos no trabalho que há por trás para sincronizar todas aquelas pessoas. Há 10 anos, Eduardo e Roberto conhecidos como os Ursinhos, produzem um evento GLS chamado Festa dos Ursos, do qual Eduardo é DJ.



A escola de samba Unidos da Tijuca, em 2008, desfilou com o samba enredo “vou juntando o que eu quiser, minha mania vale ouro, sou Tijuca, trago a arte colecionando o meu tesouro” e abordou a temática da coleção. Uma das alas era sobre coleção de ursinhos de pelúcia onde desfilariam 100 homossexuais. “Sabendo que eu e o Roberto éramos organizadores desta festa do urso, a Unidos nos convidou para fazer parte desta ala como donos e coreógrafos”, contou Eduardo. Assim, a dupla começou a dar vida à criação. Os cem ursinhos desfilaram e renderam para Edu e Beto o prêmio de melhor ala. “Dali para frente tudo começou, de um trabalho vieram mais dois, três. Hoje nós trabalhamos para nove escolas de samba”.

Ter o Carnaval como calendário não confere muita estabilidade à profissão. São profissionais liberais e trabalham sob contrato. Cada contrato vale até o término do Carnaval, sucedido por um período de férias, até que um novo contrato seja acordado para o ano seguinte. “O Carnaval terminou em meados de fevereiro, algumas escolas lançaram os enredos do próximo ano. Lá para junho, julho, começa o desmonta, e em agosto começa a montagem para 2017. Na mesma época começa o corte de samba, as criações do carnavalesco e, de acordo com elas, nós começamos a escolher os componentes com perfil de cada ala que o carnavalesco escolheu. Nós temos a responsabilidade de colocar o perfil que ele escolhe. Cada carro, cada ala, cada coisa que ele cria, a gente pesquisa e começa a montar a parte teatral com a coreografia, junto com as pessoas”, finaliza.

## **Não é hobby, é profissão**

Cada um desses personagens (princesa, mágico, ursinhos) teve uma razão única para embarcar nessa aventura do mundo da fantasia: a necessidade de ganhar dinheiro. Mas as formas de como conseguir isso são diversas. Para o psicólogo e psicanalista Carlos Eduardo Leal, não se pode comparar o caso de um coreógrafo a um palhaço que vai animar uma festa infantil. Isso porque há uma relação de identificação do personagem com o sujeito da vida real. “Saber separar o que é realidade e o que é fantasia é poder saber transitar nas duas áreas sem se perder. E isto serve para quem faz arte de uma maneira geral.”

“Que mulher não queria ser uma princesa um

dia?”, afirmou anteriormente a princesa Denise May Pachel. Não só ela, mas muitas mulheres já pensaram isso alguma vez. Nos dias de hoje, a vida é corrida e as mulheres têm que se multiplicar para dar conta das obrigações diárias. Especialmente em uma sociedade que ainda é machista e sexista. E mais que isso, também é homofóbica. Machismo, preconceito e intolerância fazem parte, infelizmente, do universo desses personagens e a fantasia pode ser uma válvula de escape. “Desde que o mundo é mundo as máscaras servem para encobrir uma realidade em geral, insuportável (fuga desta realidade) ou para fingir ser quem não é (pode ser um personagem *fake* ou um ídolo)”, explica Leal.

A função da tal válvula da fantasia é mais extensa que parece. Ainda de acordo com Carlos Eduardo Leal, que é doutor em Psicologia Clínica, a fantasia nos remete ao infantil: “por uma defesa contra uma dura realidade ou meramente por uma questão lúdica e com o que há de infantil dentro de cada um de nós”.

Mas é preciso ficar atento ao lado mágico da fantasia porque nem tudo é sonho. A partir do momento que essa prática se torna uma repetição, é sinal de obsessão. Assim como uma pessoa que é obcecada pelo trabalho – *workholic*, ou alguém que está maluca por outra – paixão patológica. “É a monotonia da repetição que é o índice para sabermos quando um sujeito está obcecado pela sua fantasia”, alerta Leal.

Nesses casos, o psicanalista explica que o tratamento não é único porque para a psicanálise “cada caso é um caso”. Não há uma chave que se aplica a qualquer modelo, isso porque cada sujeito possui uma história de vida pessoal e que deve ser levada em conta.

Não é o caso dos nossos personagens apresentados nos perfis acima. Pelo fato da renda ser o princípio motivador das imitações. Ou seja, se fantasiar é uma profissão como qualquer outra, e não um *hobby*.

## **A fantasia na realidade legal**

No caso específico dos nossos personagens que trabalham com fantasia, eles são autônomos. Ou seja, não são contratados no regime CLT. Eles trabalham por conta própria, são seus próprios patrões. A parte boa é que eles fazem seus próprios

horários, têm mais flexibilidade e determinam suas folgas. Essas são algumas das vantagens. Mas para o especialista em direito do trabalho e professor de Legislação Social, Job Eloisio Gomes, isso pode ser prejudicial, caso o trabalhador não tenha disciplina e se não for organizado. “Ele tem que estabelecer uma meta, se não o que era para ser usado a favor do trabalhador, pode ser usado como desculpa para não trabalhar.”

O profissional que é autônomo tem que se planejar para não ficar sem dinheiro. Isso porque eles ganham por trabalho. “Eles não têm o 13º, eles fazem o próprio 13º salário”. Ou seja, é preciso fazer reservas ao longo do ano para terem o valor do salário “do mês 13”.

O trabalhador autônomo pode contribuir para o INSS e terá direitos como aposentadoria por invalidez, por idade, por tempo de contribuição, aposentadoria especial, auxílio-doença, auxílio-maternidade, auxílio-reclusão e pensão por mortes. Todos esses direitos estão garantidos na Lei nº 8.213/91.

Para Job, é essencial que o trabalhador sem carteira assinada contribua para o INSS: “É uma garantia para essa pessoa e para a família dela. Só assim ela pode trabalhar despreocupada porque você sabe que terá todos os seus direitos garantidos, caso venha acontecer algum sinistro com você. Vale muito mais pagar aquela taxa mensal para o INSS”.

O cálculo da aposentadoria é feito a partir do valor médio das 80% maiores contribuições que o trabalhador fez para a previdência. O valor da aposentadoria pode variar entre R\$ 788, 00 e R\$ 4.663,00. Se alguém já trabalha desde cedo, como é o caso de Alessandro Ramos, ex- dublê de Michael Jackson, pode sim, contribuir como autônomo. Job Gomes diz que a idade mínima é 16 anos, mas caso a pessoa quiser contribuir mais cedo, pode ser a partir dos 14, na condição de contribuinte facultativo. “O trabalho tem que ser feito acima de tudo dentro de todos os parâmetros legais e que garantam os direitos do trabalhador”, afirma Job. 🏠

## **Fantasia que deram certo**

### **Blue Man Group**

- Há 29 anos, três amigos fundaram um dos grupos de apresentações artísticas mais famosas do mundo. Três integrantes com uma fantasia muito peculiar – eles usam roupas pretas sobre seus corpos azuis, cor dada através de uma tinta látex azul – trazem em seus shows performances de músicas instrumentais a esquetes de comédia e experiência multimídia.
- A proposta é promover uma experiência única para a plateia. Suas ações podem ser consideradas um reflexo de características estereotipadas do ser humano. A atuação bem-humorada e energética do grupo já foi vista por mais de 25 milhões de pessoas em todo o mundo. Em 2013, o Blue Man Group se apresentou no Carnaval carioca, junto com o HYPERLINK
- “<https://pt.wikipedia.org/wiki/Monobloco>” \o “Monobloco” Monobloco. Os pintados são exemplo de sucesso.



### **Mister M**



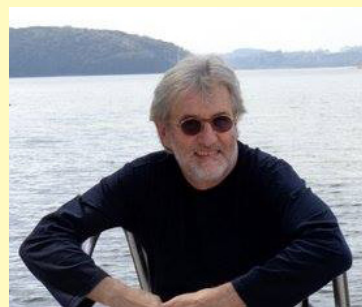
Val Valentino, o famoso ator e ilusionista americano Mister M, é conhecido por sua fantasia. Roupas toda preta e máscara preta com listras brancas reforça seu ar de mistério. O ilusionista ficou conhecido aqui no Brasil depois de revelar os truques de mágicas em um quadro no programa dominical Fantástico, da Rede Globo, em 1999. Essas revelações renderam alguns processos judiciais para a emissora. A identidade de Valentino foi revelada somente depois de alguns anos de profissão. Enquanto isso, sua fantasia e atuação lhe traziam fama e dinheiro.

## **“O Eu é feito de pedaços dos outros.”**

**BARTOLOMEU CAMPOS DE QUEIRÓS (2007)**

Professor de redação publicitária e de técnicas de comunicação da PUC-Rio, Luiz Fernando Favilla é exemplo de dupla personalidade. De um lado está o professor Favilla que dá nota, que participa de reuniões de professores, que trabalha. Mas dentro dele mora um “menino maluquinho”: o Luizinho. Conhecido por seus alunos, o Luizinho, é um personagem que o professor criou para tentar se desligar da seriedade do cotidiano. “Ora, se a nossa existência se faz nesse eterno palco e trocamos camaleonicamente os papéis em função do momento que estamos a viver, arte e vida talvez se misturem o tempo todo”, afirma o professor Favilla. “Os profissionais da fantasia, artistas em geral, cuja fonte de renda para subsistência depende de críveis atuações capazes de encantar quaisquer plateias, talvez vivam mais intensamente essa dicotomia. Mas isso não significa que tenham necessariamente múltiplas personalidades”, declara Favilla sobre os profissionais da fantasia. Ele citou o sociólogo norte-americano Erving Goffman (2009) que em seu livro *A representação do eu na vida cotidiana* escreveu que “grande parte do comportamento cotidiano é semelhante aos atores no palco, sendo que os indivíduos e os grupos estão constantemente representando uns para os outros” e o poeta Affonso Romano de Santana, que ensina que “fantasia e realidade se acrescentam”. No fundo, todos nós vivemos essa dualidade interna. “Todos somos plurais”. Seria o professor o Luiz Favilla ou Luizinho? Seria você, você mesmo, ou um outro você? “Noventa por cento do que eu escrevo é invenção. Só dez por cento é mentira”. Manoel de Barros.

**Eu**, por exemplo, Sou carioca  
**Bem** resolvido  
**Sou** criativo  
**Bem** humorado  
**Sou** fraterno  
**De** bem com a vida  
**Acredito** no sorriso  
**Na** amizade  
**Ainda** tenho fé na humanidade  
**Sou** Buziano  
**Sou** Serrano  
**Trabalhador**  
**Sou** otimista  
**Creio** no amor  
**Sou** realista  
**Não** temo a morte  
**Ético** e responsável  
**Sou** profissional de sorte  
**Amável**, sorridente e triste  
**Equilibrista**  
**Sou** artista  
**Todo** dia é dia de show  
**Sou** o que sou  
**E** dentro de mim  
**Mora** um menino maluquinho  
**O** Luizinho  
**Traquina**, travesso, alegre  
**Que** semeia amizade pelos caminhos.



**LUIZ FAVILLA**

## **Para saber mais**

Para mais informações, acesse nossa biblioteca virtual complementar: <https://www.facebook.com/Carteira-assinada-pela-fantasia> (Acesso em 4/maio/2016)

<https://www.youtube.com/watch?v=FWCYwOBbVTk> (Acesso em 26 de abril de 2016).

**Mágico Fini** - Show infantil (Acesso em 1/maio/2016).

<https://www.youtube.com/watch?v=ZOYu1HD7hns> (Acesso em 26 de abril de 2016).

**Mágico Fini** - Mágicas e humor (Acesso em 1/maio/2016).

<https://www.youtube.com/watch?v=lvaDtV3oByI> (Acesso em 26/abril/2016).

**Rodrigo Jam** - The Drill / They Don't Care About Us / Jam "Solo"

<https://www.youtube.com/watch?v=hwD6v3Fdy3g> (Acesso em 26/abril/2016).

**Rodrigo Teaser & LaVelle Smith Jr** - Black or Write - Tributo ao Rei do Pop

**HYPERLINK** "<https://www.youtube.com/watch?v=iYA4n1O1HVk>" <https://www.youtube.com/watch?v=iYA4n1O1HVk>

**Ala dos ursinhos**, Unidos da Tijuca, 2008 (Acesso em 1/maio/2016).